

Recife - Brasil



dos porquês e do não-pode-ser

Monólogo de Luiz Felipe Botelho
Primeira versão concluída em 17 de dezembro de 1991
Revisão mais recente em janeiro de 2024

Texto registrado na Biblioteca Nacional e na Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT),
oferecido gratuitamente apenas para uso privado sem fins lucrativos, neste formato e obtido
através do site www.luizfelipebotelho.com.br
Todo e qualquer uso público, amador ou profissional, deverá contar antes com autorização
expressa do autor. Contato através de: botelhudo@gmail.com

Dos Por Quês e do Não-Pode-Ser

De Luiz Felipe Botelho

Personagem: ALGUÉM

(Alguém entra disfarçado, trazendo um saco nas costas e uma vassoura. Do saco podem sair vários outros objetos que pontuarão a história a ser contada, objetos estes definidos a critério do encenador. O saco também contém o novo disfarce que Alguém vestirá antes de sair de cena, apagando todos os traços do disfarce anterior. O fator surpresa é fundamental) Licença. Licença. *(Comunica-se com a plateia, improvisos coloquiais são bem vindos)* Boa noite. Como vai o senhor? A senhora? E o senhor? Eu vou bem, obrigado. Como vão vocês aí atrás. Bem? Que ótimo. Não, não sou ator. Sou faxineiro. Adorei o cabelo da senhora. Sim, a senhora aí atrás. Não, falando sério. Está bonito mesmo. O seu também está bonito. O dela. Isso. Adoro cabelos. Unhas. Gosto de unhas, também. *(Pega as mãos de um espectador)* Ó, que unhas bem feitas. Adoro essas coisas. Cabelos, unhas, pés, cotovelos, coxas, peitos, bundas, tudo. Roupas também. Adoro. Linda, a sua roupa. Esse teatro, também, é lindo. Mesmo com aquele carpete soltando ali e o lixo que o pessoal do outro espetáculo deixou, eu acho que o quociente de lindeza daqui é tão maior que o quociente de feiúra, que o feio some na grandeza do que sobra de lindo por aqui. *(Pausa, olha em redor)* Vocês todos são lindos. Todos. Todos... *(Senta no proscênio e fica olhando para a plateia, em silêncio, sorrindo e desfrutando da beleza de todos)* Ai, ai. Tão lindo o que é lindo, não é? Porque tudo o que é lindo, é assim... lindo. Incrível, como pode ser isso.

(Dá-se conta do que ainda falta fazer) Licença. *(Vai até o palco e começa a varrer, como se juntasse o lixo daquela trecho. E varre, varre, varre. Quando a quantidade de lixo é suficiente, junta tudo numa pá e fica pensando onde colocá-lo. Olha em redor, olha para algum lugar onde o lixo possa ser escondido – ao invés de ser colocado em um lixeiro – e volta a olhar para a plateia)* Faz de conta que vocês não estão aqui. *(Ameaça a colocar o lixo no lugar inadequado. Olha para a plateia, sorri maliciosamente. Até que muda de expressão)* Não... Melhor, não. Isto é um filme tão velho, minha gente. Caim nem tinha matado Abel ainda quando inventaram esta cena. *(Para a plateia)* Estão vendo? Quem nunca fez isso? *(Surpreso)* Ninguém? Podem dizer. Estão com vergonha? Ajuda se eu disser que já fiz? Já fiz. Não estou mentindo. Já fiz, sim. E parece tão mais fácil desse modo, não

é? Quem já fez tinha certeza de que era fácil. Talvez hoje saiba também que pode custar muito mais caro do que fazer o que é necessário. Custa caro aqui dentro *(espalmando a mão sobre o próprio peito)*. Pode até virar vício e acabar com a gente. Por isso eu cansei de agir assim. Prefiro deste outro jeito. *(Cantarolando com solenidade e usando gestos rituais, tira um saco de lixo de um dos bolsos da roupa, abre o saco e, em seguida, sem interromper a canção solene cantarolada, com um gesto grandioso pega a pá de lixo e joga os resíduos no saco. Depois amarra o saco, ergue-o como um troféu, numa pose heroica. Sai rapidamente da pose, largando o saco no chão e saltando para o lado, aplaudindo-se, de perfil para a plateia, como se fosse outra pessoa.)* Bravo. Bravo. Excelente. Muito Bom. *(Depois salta para o lado e volta a ser o herói, agradecendo a si mesmo.)* Obrigado. Obrigado. *(Volta a ser o que aplaude. Aos poucos para de aplaudir. Dá um longo suspiro, pega o saco de lixo e o guarda no saco maior enquanto conversa com a plateia.)* Exercício de autoestima. Evita a dependência dos aplausos alheios e garante a saúde de quem tem uma vida fora do normal. *(Começa a desmontar a vassoura enquanto continua a falar. Depois também guarda as partes da vassoura no saco)*.

Eu era uma pessoa normal, como a maioria de vocês. Normal, que eu falo, é aquela pessoa que faz tudo como todo mundo costuma fazer. Eu era assim. Normal. E gostava de ser desse modo. Até que um dia me flagrei questionando situações ao meu redor e, principalmente, dentro de mim. Que tipo de ideias? Por exemplo: se meus pais se amam, porque não se tocam? E se realmente não se amam, porque não se separam? Mas, se eu sei que eles são adultos, porque estou preocupado? Por que me sinto responsável pela felicidade deles?

Eu não procurava essas ideias nem ficava elaborando essas perguntas. Essas reflexões simplesmente vinham. E isso foi se intensificando. Mais ideias, mais perguntas. “Se a arte teatral é tão poderosa para estimular o desenvolvimento intelectual das crianças, porque não há um teatro em cada escola?” “Se a panacéia universal fosse criada, ela seria mesmo universal ou iria custar tão caro ao ponto de ficar restrita a uma minoria bilionária?” “Se a realidade é uma ilusão mantida por nossa mente, ela também pode ser desmantelada, para melhor ou para pior”.

Aos poucos percebi que todas aquelas reflexões tinham algo em comum. Pareciam mostrar que tudo o que eu via, o mundo, a vida, podia ser transformado por qualquer um. Eu podia mudar o mundo. Para melhor ou para pior. Poderia mudar tudo, sem exceções. Bastava sonhar e deixar acontecer. Era isso que passava pela minha cabeça. Mas havia um detalhe. Desde o começo, minha primeira reação era rejeitar esses pensamentos instigantes. Recusava porque eram estranhos e desmantelavam a mesmice conhecida que eu sabia controlar tão bem. Recusava porque me encantavam, como uma hipnose. Capturavam minha atenção e tomavam meu tempo. Recusava porque aqueles pensamentos estavam me propondo novas formas de encarar a realidade. De fato, pasmem vocês, tudo o que comecei a vislumbrar me parecia mais coerente do que aquilo que no meu dia-a-dia as pessoas me apontavam como sendo a Verdade. Percebi que a cada dia eu ficava mais afastado dos meus semelhantes. Fiquei aterrorizado. E pensei numa forma de lidar com isso. Era assim:

quando minha cabeça começava a ver mais do que eu era capaz de compreender, eu me perguntava o seguinte: *(Pega um espelho e faz a pergunta para ele)* "Será possível que o mundo inteiro esteja errado e só eu esteja certo?". *(Para a plateia)* E eu, prontamente, para mim mesmo: *(Para o espelho)* "Claro que não, claro que não, *(inspira e expira com alívio, conclusivo)* claro que não". *(Para a plateia)* Essa resposta me satisfazia. Ficava aliviado porque, então, poderia dormir tranquilo, convencido de que aquelas ideias e perguntas incômodas eram apenas fantasias desvairadas que criei, sonhos sem sentido, coisas de jovem estressado, que perdeu o controle de si mesmo por algum tempo. Eu fazia isso. Reprimia minha criatividade, já imaginaram? *(Noutro tom)* Como se todas as mentes não tivessem essa função básica de criar. *(Ainda outro tom, veemente)* Mas eu tinha medo da mudança interior que vem com qualquer criação, poxa! Por isso acreditava que era mais confortável ficar no meu joguinho, mesmo, afirmando o tempo todo que "Eu estou errado e o mundo está certo, eu estou errado e o mundo está certo. Que bom. Ainda bem". Porque fazendo isso eu não me sentiria tentado a realizar os meus sonhos exatamente como eu os sonhava. Talvez o mundo não me aceitasse, porque eu mesmo tinha dificuldade de aceitar o que eu via. Temia o que poderia me acontecer se eu mostrasse cada possibilidade que eu via toda vez que eu deixava minha mente livre. Tinha medo da solidão. Ainda não era capaz de perceber que eu e todas as pessoas ao meu redor já vivíamos isolados. Casais, famílias, grupos, associações, não importava a quantidade de membros desses grupos. Nosso modo de lidar com a vida gerava neles sempre o mesmo pacto inconsciente: indivíduos reunidos para garantir que permaneceriam sozinhos em si mesmos.

Descobri isso na prática, quando comecei a namorar. Namorava tudo. Homem, mulher, gato, cachorro, planta e pedra. Meus namoros começavam como qualquer namoro, olhares, calores, aquela conversa besta que, para mim, nada mais era que uma perda de tempo necessária ao que verdadeiramente me interessava: carne, pele, sexo e gozo. Era uma agonia tão grande para trepar e gozar, como se algo de especial fosse acontecer depois daquilo, que, depois que eu gozava batia um vaziiiiiiiio. Eu fingia que não notava, embora soubesse que ele, o vazio, estaria sempre ali, espreitando, esperando só o momento de me engolir na primeira e oportuna distração. Participar de coletividades nessas condições ajudava a criar e manter explicações para preencher cada vazio, justificando cada incoerência que surgisse a partir de uma única máxima: "o mundo é assim mesmo".

Pois é. Hoje sei que a própria solidão é relativa. Hoje. Mas anos atrás eu não sabia e nem queria saber. Por que? Porque essa consciência fazia parte das coisas aparentemente loucas que eu via nos meus sonhos. Não é fácil atravessar uma barreira de medo como esta. Sei que há quem pense o contrário, mas, qual é o ser humano que, de cara, tem coragem de seguir seu próprio coração, mesmo que isso signifique pensar diferente, fazer diferente do que as pessoas que ele ama costumam fazer? Qual é a criatura humana que se dispõe a começar – pelo menos começar – a construir uma nova realidade para si, "sozinha"? "Sozinha" entre aspas. Mas essa palavra é incômoda. Quem faria uma coisa destas, de primeira, de peito aberto para o que desse e viesse? Porque, não esqueçam, aceitar o incomum, por menos que isso

exija de nós, implica em mudanças e nestas há muitos riscos. O risco de sermos perseguidos pelos que não aceitam mudanças. O de sofrer agressões físicas e psicológicas – sobretudo psicológicas. O de cair no ostracismo, enlouquecer, morrer.

Curioso é que ainda há um risco que vai na direção oposta ao sofrimento. O risco de tomarmos consciência da trajetória que diferencia cada criatura, de nos entregarmos à plenitude que nos move no íntimo, o risco de sermos extraordinariamente felizes. Só que nunca pensamos nessa possibilidade. Nem consideramos que isso exista. E eu entendo isso. Parece invenção de gente tola. E a nossa sociedade, por algum motivo perdido nos tempos das cavernas, continua a nos ajudar a criar crivos para identificar o que ela entende por tolice e nos manter afastado de alguma grande ameaça que se oculta dentro de nós mesmos. Sendo assim, fica difícil ver qualquer possibilidade de grandeza no que parece uma tola uma fé particular. É difícil ter coragem de dizer “minha percepção da vida é única, não importa se não sei o que fazer com isso”. Como ter coragem, sabendo que uma multidão de vozes vai discordar de você, aqui (*apontando para a própria cabeça*) e no mundo lá fora? (*Para pessoas variadas na plateia*) Você teria coragem? Teria? E você? Não? Teria? Bom, eu não tive. E, a medida em que o tempo foi passando, fui me sentindo cada vez pior com isso.

Aí tentei uns paliativos. Como eu não podia SER o herói de mim mesmo, tentei compensar a frustração não assumida PARECENDO SER alguma espécie de herói do mundo inteiro. É fantástica essa coisa de “parecer”. Parecer para não precisar pagar o preço de ser. Todo mundo faz isso em algum nível. É normal, é aceito e, dependendo da convicção na interpretação, pode-se receber muitos aplausos com isso. Parecer um herói, parecer um grande homem, uma grande mulher. Eu queria parecer alguém com um pé na espiritualidade. Alguém íntimo de Deus. Para isso a gente pode decorar livros sagrados. Pode se vestir como um santo, como Nossa Senhora, falar sorrindo como o Buda, tentar imitar Cristo e por aí vai.

Eu escolhi imitar Cristo. Ele é uma destes exemplos extraordinários unanimemente reconhecidos pela opinião pública. Mas nem isso deu certo para mim, porque embora todo mundo procure parecer com aquilo que dizem que é bom, é óbvio que PARECER e SER são coisas totalmente diferentes. Parecer é acreditar que se está dentro sem entrar. É não aceitar que não há vida fora do coração. Tentei parecer Jesus, agir como ele, seguir o exemplo de vida que ele foi. Me senti idiota porque santidade tem a ver com plenitude e, nessa minha fuga, me deparei novamente com o fato de que a plenitude só acontece na gente se a gente se entregar à imensidão do que é pleno. É fácil ficar aos pés da cruz, olhando e se ajoelhando, assim (*fazendo medidas e reverências*), repetindo mecanicamente as palavras do Outro pregado lá em cima, sem perceber que Ele teve que viver suas paixões muito bem vividas, para provar para si mesmo que suas ideias faziam sentido. E isso, já sabemos, não é fácil. E até poderia ser. Pela lógica, as coisas podem fluir melhor, se soubermos como lidar com os obstáculos. E por que não? Por que o mundo não pode ser mais receptivo com as novas ideias? Como um útero, talvez. Será falta de prática? É possível. Nós não sabemos usar qualidades como a força e a ternura nos momentos certos. Nossa ternura é usada para que sejamos complacentes com a ignorância,

enquanto a força que temos trucidada nossa própria humanidade. Já notaram que ninguém faz muita questão de lembrar que o Cristo ressuscitou? Vida, Paixão e Morte, sim, mas ressurreição, não. Quase não se ouve falar. Não se permitiu uma evolução na compreensão prática das ações de Jesus na Terra. Para nós, cristãos dos tempos presentes, Sexta-feira é da Paixão, mas o domingo é do Coelho da Páscoa. Agimos como se o Cristo nunca tivesse saído da cruz.

Meus pais evitavam me levar para enterros quando eu era criança. Não que quisessem evitar que eu lidasse com a morte. Eles até diziam, com todas as letras: “quem morre não volta mais”. Mas entendiam que a mente das crianças é como uma imensa página em branco e falavam que seria mais bacana se guardássemos na lembrança a imagem mais linda possível da pessoa amada que partiu, ao invés de um corpo sem vida em um caixão. Eles nunca me proibiram de ir a um enterro. Mas eu entendia o que eles propunham e concordava. O momento chegaria, quando eu crescesse e soubesse lidar melhor com a loucura do mundo. E assim foi.

Eu amo Jesus. Não convivi com ele, mas, li o Novo Testamento várias vezes. Cristo ficou impresso na minha vida como alguém real, um parente próximo, um adulto que se foi, mas que sempre sinto perto de mim, um homem sereno, paciente, que me compreenderia e apoiaria, sobretudo nos momentos em que a vida parecesse perder qualquer sentido. Ele sofreu, mas está escrito em um livro sagrado que a história Dele não terminou na cruz. Ele venceu a Morte e, no modo como viveu entre nós, resumiu todos os sermões dele numa mensagem de Amor Universal. A lembrança mais forte que mantenho dele é a imagem da ressurreição, triunfante, de braços abertos, iluminado e iluminante, com um sorriso afetuoso, de infinita felicidade.

Hoje não falo isso para todo mundo. Mas houve época em que falava. As pessoas argumentavam que eu estava questionando coisas milenares e imutáveis, que eu não tinha capacidade para alcançar a razão das coisas. Isso não me fez bem, porque parecia fazer sentido. E eu me deixei convencer de que tinha todo sentido. Desacreditei de mim por muito tempo. Eu tinha intuição, sensibilidade, mas não tinha equilíbrio e nem consciência bastante para convencer a mim mesmo, muito menos para argumentar com os outros. Como iria convencer alguém de que nem todo aquele que não gosta de Jesus na cruz é um vampiro ou um demônio?

Eu já tive muito medo de enlouquecer e, como eu já disse, isso piorou quanto mais eu me via vendo e pensando diferente: deve ser a loucura chegando. Ou então a burrice me consumindo. E aí eu escolhia ficar naquela de "Claro que estou errado! O mundo inteiro está certo. Minhas ideias são asneiras sem tamanho". O problema é que a repetição alimentou a materialização de uma ilusão. Repeti tanto que tudo o que eu pensava era uma merda, que o meu cérebro foi mudando de cor, ficando marrom, meio mole, esquisito. Aos poucos, fui deixando de ter aquelas tais ideias. E não só elas como quaisquer outras. Foi. Deixei de ter ideias. Qualquer uma. Até aquelas banais que a gente tem a toda hora. Virei um robô sem a mínima graça, igual a todo mundo que é igual a todo mundo, procurando onde estavam os modismos do meu tempo e correndo atrás deles, me esforçando para segui-los. Correr, correr, correr. Fazia questão de manter o ritmo dessa corrida e sustentar a aparência de um

cidadão antenado com a contemporaneidade. Eu quis fazer como todo mundo e parecer ser eu mesmo. Tudo o que consegui foi parecer com todo mundo.

Entrei numa depressão atrás da outra. Comecei a ter surtos de esquizofrenia, sem saber se eu era eu ou se eu apenas parecia comigo. O pior é que os meus argumentos sempre eram muito fortes. O caso era tão sério que meu primeiro psiquiatra teve que se internar numa clínica para superar o trauma que foi cuidar de mim. Levei três terapeutas pro hospício em um ano: os três começaram a manifestar os mesmos problemas que eu. Estou na lista negra do Conselho de Psicologia. Passaram a me tratar em equipe. Eu ficava numa sala sozinho com uma câmera de vídeo, um microfone e um alto-falante e os terapeutas numa sala ao lado. Me arrasei. Adiantou fugir tanto? Acabei ficando sozinho com meus medos, exatamente do jeito que eu tinha medo de ficar. Claro, porque ninguém conseguia suportar minhas palavras. As dúvidas que eu lançava eram as dúvidas de toda a raça humana. Ninguém me dava respostas pela mesma razão que eu mesmo não me permitia dar respostas. Nem eu me suportava mais. Quando precisava usar o espelho, ficava de costas para não precisar olhar para mim. Dormia no chão para não dividir a cama comigo mesmo. Deixei de ir ao Teatro e ao Cinema, que eu adoro, com medo de me encontrar por lá. Pensei em suicídio, mas achei que ia ser um final tão melodramático para a minha vida, que desisti na hora. Preferi deixar como estava: um final aberto. Odeio finais abertos, sempre odiei. Mas, mil vezes continuar fodido e com um mínimo de dignidade, do que subir os créditos da minha vida com um gostinho de melodrama barato na boca. Isso nunca. E assim, com um final aberto, o tempo da minha vida pareceu que ia terminar.

Um dia, eu estava descendo a rua de casa numa bicicleta. Era uma tarde fresca de verão, o céu estava limpo. Eu lembro do prazer de sentir o vento no meu rosto e do clarão que antecedeu um choque e a escuridão. Um raio tinha me acertado na cabeça. Um raio. Juro, não é mentira, não. Saiu até no jornal. *(Tira um papel dobrado do bolso com a cópia de uma pequena matéria sobre o assunto)* Olha aqui o recorte. Não sei como, não morri. Milagre, sorte, não se o que foi que aconteceu. Só sei que, dali por diante, me vi tendo trilhões de ideias assombrosas de uma vez só. Vi coisas extraordinárias. Todas as possibilidades se abriram diante de mim. O Universo parecia um passarinho iluminado que pousou no meu juízo. E os meus pensamentos... esses nem me pertenciam mais. Naquele instante eles eram a dança dos sonhos de tudo o que existiu, existe e existirá.

Movido pela força do hábito – e somente por causa disto – me vi fazendo outra vez a velha pergunta: "Será possível que o mundo inteiro esteja errado e só eu esteja certo?". Primeiro veio a resposta automática, já perdendo a força que teve um dia: "Claro... que... não..." Foi a última vez que usei aquele recurso. No êxtase da dança das ideias que ferviam na minha cabeça, eu compreendi que certo e errado eram dois fantasmas que mudavam de forma o tempo todo e nunca paravam por muito tempo num mesmo lugar. Não importava mais estar certo ou errado. Não importava. Tive medo, como sempre, mas desta vez tinha um querer que era mais forte do que o medo. EU QUIS assumir os meus pensamentos perante mim mesmo e finalmente ver o que eu nasci para ver.

Ah, aí a minha vida mudou completamente.

Já saí do hospital assustando as pessoas. Não fiz de propósito. É que eu estava tão feliz, tão empolgado, que quis compartilhar com todo mundo tudo o que estava vendo. Tudo estava tão nítido para mim, que eu percebi que, enfim, tinha todos os argumentos na ponta de língua e poderia explicar cada alumbramento, cada epifania que eu estava vivendo. Infelizmente não lembrei que palavras não bastam quando existe uma barreira contra qualquer mudança. As pessoas não estavam preparadas para escutar nada daquilo e eu demorei para compreender isso. Muitas sentiram-se agredidas pelo que eu dizia, umas fugiram, outras devolveram a agressão. Levei tanta da porrada que vocês nem imaginam. Mas não senti dores e as feridas cicatrizavam rapidamente. Me chamaram de anarquista, satanás, herege, bicha, sapatão, tudo o que mete medo.

Uma ambulância apareceu. Três enfermeiros me imobilizaram e me levaram para um sanatório. Eu podia ter fugido, mas quis conversar com algum médico, ouvir opiniões sobre o que estava acontecendo. Quando chegamos lá, me colocaram num quarto com grades. Falei que estava com fome, mas ninguém disse nada. Esperei uma hora trancado naquele quarto-prisão. Desejei que a porta abrisse e ela abriu. Saí do quarto e várias pessoas vieram pra cima de mim. Ninguém conseguia me tocar, como se houvesse um campo de força me protegendo. Fui até a cantina do sanatório, me sentei numa mesa e apareceu um prato de deliciosa sopa de feijão com letrinhas, igual a que minha falecida avó fazia. A essa altura havia uma multidão escandalizada ao meu redor. As coisas apareciam e sumiam da minha mesa, bule de chá, xícara de porcelana, sanduíche de queijo com ovo, fatia de torta de limão. Não tive intenção de chocar ninguém. Tudo foi tão espontâneo, tão delicado e fluente. Uma senhora muito idosa, que me olhava de longe em uma cadeira de rodas, falou “obrigado”, levantou-se da cadeira com o vigor de alguém muito jovem e saiu de mansinho, pela porta da frente, aproveitando-se da confusão.

Um médico mal encarado e com voz de trovão se aproximou de mim e perguntou meu nome. E eu respondi: “Rapaz, do jeito que estão as coisas, acho que meu nome é ‘Deus’”. Achei natural fazer aquela piada, porque era exatamente assim que eu estava me sentindo, um ser sem limites. Um médico mais alto, que estava tentando se esconder atrás do outro, me lançou um olhar de tanto desprezo, que eu falei pra ele: “você também é Deus”. Para meu espanto, o homem começou a passar mal e teve um ataque cardíaco fulminante. Não fui eu, tenho certeza. Foi coisa da cabeça daquele cara, mesmo. Morreu ali, na hora, na frente de todo mundo. Morreu e ressuscitou. Aí, sim: eu ressuscitei ele. Desejei e aconteceu. E quando ele acordou, olhou direto para mim com os olhos brilhando de uma cumplicidade que não entendi de imediato, um sorriso tranquilo, como se soubesse exatamente o que tinha acontecido. Ele nem teve tempo de dizer nada. Levaram ele depressa para algum lugar lá dentro do sanatório. E aí os colegas dele começaram a tentar explicar cientificamente o que tinha acabado de acontecer, que foi uma síncope mal diagnosticada, que ele se recobrou graças à massagem que um outro fez e por aí foi. Enquanto eles ficaram decidindo em nome da ciência, o diretor do sanatório chamou um exorcista para me benzer... Aquilo não iria acabar bem.

Minha euforia deu lugar a uma paz diferente, melancólica, mas sem qualquer remorso. Entendi que eu precisava ir embora e era isso que eu faria. Reforcei o campo de força e ele me isolou da gritaria ao redor. Toda a ação na cantina parecia fluir em câmara lenta, como um balé harmonioso dialogando com um caos nascido do medo. Fora dos domínios das forças materiais que nascem das riquezas e da política, os humanos só acreditam que outro humano tem algum poder verdadeiro ou quando esse humano é o que chamam de santo ou o que chamam de demônio. Gente normal não pode ter nenhum poder além do que é dado pelas escolas deste planeta. Como todo mundo estava vendo algum poder em mim e como eu não tenho cara de santo, sobrou o diabo como explicação. Ah, eu me cansei daquilo tudo. Desejei que surgisse uma neblina densa e que ela escondesse minha partida. Assim aconteceu. Sem que ninguém me visse, levantei, limpei a mesa, atravessei a parede e fui embora. *(Tira algumas peças de roupa e objetos do saco e começa a trocar de disfarce)* Licença, pessoas amadas. Vou ter que me trocar aqui mesmo.

Desde aquele dia no sanatório, nunca deixaram de me procurar. A coisa ficou tão séria para eles que até inventaram uma seita chamada “Evangelho da Paz Sanguinolenta”. Ela é composta por vários grupos espalhados pelo mundo para me procurar e destruir. O lema da seita é “estraçalhar o mal em nome do amor”. Pra que isso? Medo. Medo de confiar no que não faz sentido para eles. Achem que sou um mal exemplo de comportamento diante do desconhecido. Mas, se cada instante da vida é novo em si mesmo, precisaremos rever nossas relações com o medo do desconhecido. O novo que é realmente novo não é conhecido. Como evoluir assim?

Aprendemos a usar palavras e fingimento no lugar da ação espontânea. Aprendemos a fingir que confiamos em nós e no mundo. E aprendemos direitinho. Por isso falamos em amor e paz enquanto fazemos guerras. Falamos em mudança e tudo o que aprimoramos são os métodos para não mudar nada. Usamos a criatividade para inventar formas de apagar da existência quem não concorda conosco. Basta um motivo considerado “justo” e o que era barbárie deixa de ser crime para virar bandeira. O que posso fazer? Continuo em movimento e, sempre que posso, compartilho o que aprendi. Como fiz aqui, com vocês. Sem pressa. E cada pessoa faz o que quiser com isso. Cada um com seu próprio caminho. Hoje tenho certeza de que todos terão a sua hora de levar um raio no topo da cabeça. Quem já levou o seu, sabe do que estou falando. Adeus. *(Entra música, Alguém pega o saco, põe numa grande lata de lixo reciclável perto do palco, sorri e sai).*

Luiz Felipe Botelho
botelhudo@gmail.com